

Portuguesas e Portugueses,

Para o PSD o mais importante é sempre a vida concreta de cada criança, de cada mãe, de cada jovem, de cada trabalhador, de cada reformado ou de cada avô.

Mesmo num dia difícil como o dia de hoje, a nossa atenção está em primeiro lugar centrada em quem não tem dinheiro para pagar a alimentação, a energia, os medicamentos, os transportes.

Em quem espera ou desespera por um tratamento no SNS, em quem espera ou desespera por um professor que não chega à sala de aula, que espera ou desespera para arrendar uma casa ou por pagar uma prestação inflacionada.

Numa palavra, hoje, sobretudo hoje, é preciso assegurar que temos liderança, equipa e programa para inverter o ciclo de empobrecimento que nos trouxe até aqui.

Caras e caros portugueses,

O Governo caiu e caiu por dentro.

Não podemos perder mais tempo.

É imperioso recuperar a credibilidade, a dignidade institucional e a confiança que se perderam e desbarataram.

Essa recuperação só viável com eleições antecipadas.

Estamos preparados para elas.

Como sabem, nunca tivemos pressa, mas agora a degradação do Governo impõe que não se perca mais tempo e se devolva a palavra ao povo.

Os portugueses sabem que há uma alternativa séria e ambiciosa e conhecem o nosso sentido de responsabilidade, a nossa firmeza e o nosso compromisso com a verdade, a ética e a urbanidade.

A legitimidade do partido socialista ruiu dentro de si próprio.

É a terceira vez em 22 anos que as mesmas pessoas, as mesmas políticas e o mesmo padrão de governo trazem um pântano à democracia portuguesa.

Quero dizer aos portugueses que está na hora de penalizar, sem apelo nem agravo, a reincidência de uma organização partidária que dá mostras de muito facilmente ceder a esquemas de compadrio político, de vertigens hegemónicas de poder, de orientações de política que geram sempre empobrecimento e pobreza.

Portuguesas e Portugueses,

Portugal não pode ser isto!

Portugal não pode tolerar ou admitir que importantes decisões de investimento ou financiamento público possam ser tomadas com qualquer outro critério que não e exclusivamente o interesse público.

Seja na transição energética ou ambiental, seja no parque escolar, seja em parcerias público-privadas, seja na defesa nacional, seja nas grandes infraestruturas, o país não pode ser levado a decidir com base em interesses particulares, muitas vezes embrulhados e disfarçados com sofisticados esquemas de suporte técnico.

Portugal também não pode ser o país onde a ideologia é utilizada sem seriedade intelectual, de forma populista e demagógica, para no fim do dia empobrecer segmentos de população onde muitas vezes se criam esquemas de dependência com o inconfessável fito de perpetuar ciclos de poder político de grupo.

Essa manipulação, como a mentira, têm sempre prazo de validade. E por isso, acarreta como consequência, a formação de uma legião de pobres e remediados, dependentes e frustrados numa espécie de corrupção social e política.

Portugueses,

Não é uma fatalidade sermos um país pobre.

Não é uma fatalidade termos urgências encerradas, falta de médicos, falta de professores, os jovens a emigrar.

Não é uma fatalidade haver corrupção administrativa e política.

Não é uma fatalidade termos impostos asfixiantes sobre tudo o que mexe.

Sinceramente é uma escolha.

Quero dizer-vos, olhos nos olhos, que temos tudo para fazer as melhores escolhas e para construir uma sociedade mais justa.

Sei bem que os últimos 25 anos foram duros para quase todos.

Mas temos de ser nós a fazer a diferença.

Cada um de nós.

As respostas aos problemas estruturais, da demografia, do fraco crescimento económico e dos baixos salários, do colapso dos sistemas públicos de saúde e educação, exigem serenidade, arrojo, sensatez e vontade transformadora.

Exigem características do “ser português”: coragem, bravura, mas moderação e tolerância.

Portugal não precisa de aventuras e visões revolucionárias.

Precisamos de realismo, de reformismo e de um contrato social renovado.

Precisamos de inclusão, de união e de ambição.

Caras e Caros Portugueses,

A democracia e os seus mecanismos vão funcionar.

Como disse variadas vezes, “se o governo não mudar, o país vai querer mudar de governo”.

Estaremos à altura da exigência do momento.

Estamos aqui para ouvir o povo português, para formar um Novo Governo, para tratar do futuro com sentido de responsabilidade e espírito de missão.